

MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: PREVENÇÃO DE GRAVIDEZ OU DSTs

Dariany Merçon AZEVEDO¹, Vanessa Cade de Oliveira CAMPOS¹, Cinthia Vidal Monteiro da SILVA², Carlos Eduardo Faria FERREIRA³, Leonardo Vidal Monteiro da SILVA⁴

¹ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre – FAFIA/Pós-Graduanda em Farmacologia, Alegre - ES, dariany88@hotmail.com; dudie10@hotmail.com

² Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo/ Graduanda em Ciências Biológicas, Alegre - ES cinthiavms@hotmail.com

³ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre – FAFIA/ Professor, Alegre – ES

⁴ Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo/ Eng. Agr., Mestrando em Produção Vegetal, Alegre-ES leovidalms@hotmail.com

Resumo- O presente trabalho tem por objetivo alertar sobre a importância da utilização correta de métodos contraceptivos com o intuito de prevenir não somente a gravidez, mas também DSTs. Os sujeitos da pesquisa foram 83 mulheres entre 18 à 45 anos do município de Alegre – ES, tanto da Zona Rural quanto da Zona Urbana que participaram voluntariamente, após a leitura e assinatura do consentimento livre e esclarecido. Os procedimentos metodológicos empregados para o levantamento desses dados para se efetuar uma amostragem da população, foi o uso de um questionário padronizado e pré-codificado, visando à qualidade das informações obtidas. Os resultados obtidos mostram que a totalidade das mulheres do estudo disseram conhecer pelo menos um método contraceptivo e o método mais conhecido entre as mulheres do estudo é o contraceptivo oral (96,38%) seguido do preservativo masculino e feminino (92,77%). Os resultados evidenciam que 11% das mulheres utiliza o preservativo como método contraceptivo, 17% utiliza o preservativo associado ao método hormonal e 72% utiliza outros métodos. Os resultados mostram também que apenas 16,86% utilizam métodos contraceptivos com intuito de prevenir a gravidez e DSTs.

Palavras-chave: anovulatórios, doenças sexualmente transmissíveis,

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Introdução

No Brasil, assim como em outros países do mundo, é cada vez maior a utilização de métodos contraceptivos, tanto hormonais quanto não hormonais (PEDRO, 2003).

Em geral, a contracepção pode ser utilizada por qualquer pessoa, fisicamente capaz de procriar e sexualmente ativa, mas, que no momento não deseja ter um filho. Sendo assim a pessoa pode optar por um deles, sempre sob orientação médica e farmacêutica (QUADROS, 2009).

São inúmeros os métodos contraceptivos com eficácias garantidas de prevenção a gravidez, mas esta eficácia depende de vários fatores relacionados ao mecanismo de ação e a cada indivíduo. Associada a esta situação aumenta a preocupação com o desenvolvimento de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), principalmente pelo fato de vários métodos contraceptivos existentes não conferir a mulher nenhuma proteção especial em relação às doenças sexualmente transmissíveis.

Poucos estudos abordam a questão da dupla proteção (DST e gravidez), especialmente se vinculado ao uso de dois métodos. Em pesquisa realizada com estudantes da Universidade de São

Paulo, observou-se que o uso da pílula e preservativo estava diretamente relacionado à questão de gênero. O uso da pílula está vinculado ao papel de regulação da fecundidade desempenhado pela mulher, cabendo ao homem o papel de responsável pela prevenção das DST, o que frequentemente ocorre quando os relacionamentos não são considerados estáveis, pois à medida que isto acontece, registra-se a substituição do preservativo por outros métodos (TAQUETTE et al., 2004).

O objetivo do presente estudo é alertar sobre a importância da utilização correta de métodos contraceptivos com o intuito de prevenir não somente a gravidez, mas também DSTs.

Metodologia

O estudo foi realizado de forma observacional, descritivo, associado a inquérito CAP - conhecimento, atitude e prática. Os sujeitos da pesquisa foram 83 mulheres entre 18 à 45 anos do município de Alegre – ES, tanto da Zona Rural quanto da Zona Urbana que participaram voluntariamente, após a leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Os dados foram coletados por meio de questionário estruturado com perguntas pré-codificadas.

O questionário, em anexo, contém dados de identificação, história reprodutiva e de uso dos contraceptivos, assim como o(s) tipo(s), o tempo de uso e o(s) motivo(s), e para lembrar, uma pequena lista de diferentes tipos de contraceptivos orais e não orais, nas perguntas, sendo as mulheres incluídas no presente estudo, residentes nas zonas urbana e rural do município de Alegre ES. Outros assuntos inerentes ao projeto foram desenvolvidos com intuito de proporcionar uma melhoria na qualidade de vida das mulheres envolvidas.

Resultados

Foi objeto desta pesquisa obter informações sobre quais métodos contraceptivos são de conhecimento destas mulheres. O resultado do questionamento pode ser observado no gráfico 1.

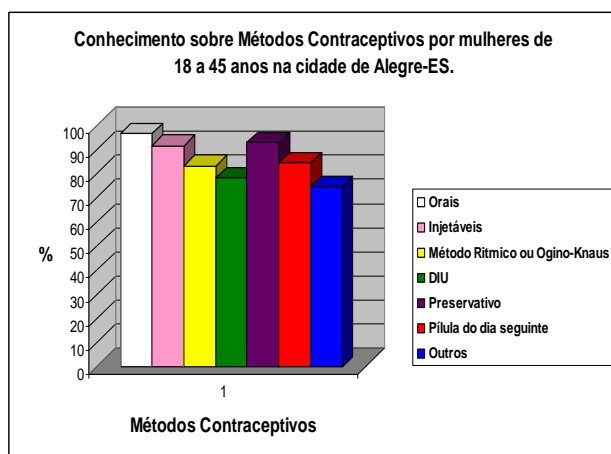


Figura 1: Conhecimento de Métodos Contraceptivos por mulheres de 18 a 45 anos do município de Alegre-ES

Na tabela 1 apresentamos as proporções das mulheres, casadas e solteiras, que fazem uso de métodos contraceptivos, categorizados por hormonais, preservativo (masculino e feminino), hormonal e preservativo associados, outros - incluindo de barreira e cirúrgicos, e mulheres que não utilizam métodos contraceptivos.

Tabela 1: Uso de Contraceptivos hormonais (H), preservativo (P), hormonais associados a preservativo (H+P) e outros métodos por mulheres casadas e solteiras na cidade de Alegre – ES.

	H	P	H+P	OUTRO	NÃO USA
	----- % -----				
CASADA	19,29	8,43	3,61	10,84	8,43
SOLTEIRA	15,67	2,41	13,25	2,41	15,66
TOTAL	34,96	10,84	16,86	13,25	24,09

Na Figura 2 são apresentadas as proporções das mulheres de 18 a 45 anos na cidade de Alegre – ES, que fazem uso de diferentes métodos contraceptivos.

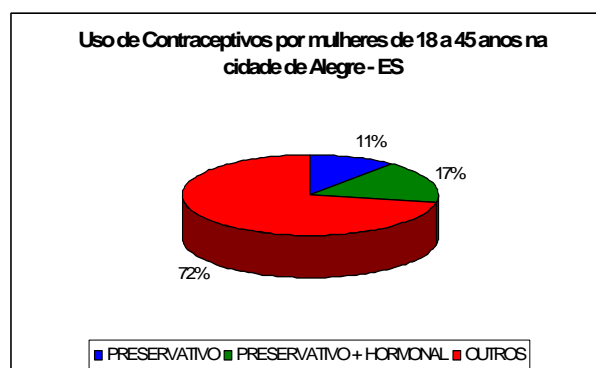


Figura 2: Uso de contraceptivos por mulheres de 18 a 45 anos na cidade de Alegre –ES

Discussão

Com respeito ao conhecimento que as mulheres têm acerca das distintas opções contraceptivas, os resultados nos mostram que a totalidade das mulheres deste estudo referiram conhecer pelo menos algum método anticoncepcional (Figura 1), resultados estes semelhantes aos da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) de 1996: "... praticamente 100% dos entrevistados, homens e mulheres - sejam estes unidos ou não, e com ou sem experiência sexual - conhecem, de certa forma, algum tipo de método" (BEMFAM, 1997) e de diversos outros estudos menos abrangentes como os encontrados por Espejo et al. (2003) e Pinotti et al. (1990).

Dentre os métodos contraceptivos o mais referido espontaneamente pelas mulheres foram os contraceptivos orais (pílulas) 96,38%, seguido pelo preservativo (masculino e feminino) 92,77%, injetáveis 91,56%, pílula do dia seguinte 84,33%, método rítmico ou Ogino-Knaus 83,13%, dispositivo intra-uterino de progesterona (DIU) 78,31% e outros 74,69%. Estes resultados estão de acordo com os encontrados por Espejo et al., (2003) que referiram em seus estudos que os métodos mais utilizados pelos indivíduos de sua pesquisa foram contraceptivos orais, preservativo e métodos de abstinência periódica (rítmico ou Ogino-Knaus) respectivamente. O fato dos

contraceptivos hormonais e preservativos (masculino e feminino) aparecerem como os métodos mais referidos pelas mulheres deste estudo se dão especialmente pela popularidade destes métodos, e tende a diminuir bastante para os outros.

Com relação ao uso de métodos contraceptivos por mulheres casadas e solteiras, os resultados (Tabela 1) nos mostram que 19,29% das mulheres casadas fazem uso de contraceptivo hormonal, sendo que 8,43% utilizam o preservativo, na sua totalidade preservativo masculino, 3,61% fazem uso de contraceptivo hormonal e preservativo associados, 10,84% das mesmas fazem uso de outros métodos e 8,43% não fazem uso de métodos contraceptivos. Já para as mulheres solteiras 15,67% fazem uso de contraceptivo hormonal, 2,41% utilizam preservativo, na sua maioria preservativo masculino, 13,25% fazem uso de contraceptivo hormonal e preservativo associados, 2,41% fazem uso de outros métodos contraceptivos e 15,66% não utilizam qualquer método contraceptivo, incluindo mulheres com e sem vida sexual ativa.

Com relação às mulheres casadas os resultados nos mostram (Tabela 1), que a maioria destas mulheres, aproximadamente 30%, utiliza métodos contraceptivos eficazes apenas contra uma possível gravidez, sem que estes tenham proteção contra o desenvolvimento de DSTs, somente 12,04% destas mulheres utilizam métodos capazes de prevenir o desenvolvimento de DSTs, que é o preservativo, isolado ou associado a outro método e 8,43% não fazem uso de métodos contraceptivos, assim 38,56% das mulheres casadas desta pesquisa estão sujeitas ao desenvolvimento de possíveis DSTs, mostrando que mesmo mulheres com união estável e parceiro fixo tem que fazer a escolha correta do método contraceptivo.

Já para as mulheres solteiras os resultados nos mostram (Tabela 2), que a porcentagem de mulheres que utilizam métodos contraceptivos eficazes na prevenção de DSTs é maior que entre as mulheres casadas, isto pode ser explicado pelo fato destas mulheres terem possivelmente mais cautela na prevenção de uma possível gravidez, fato que leva estas mulheres utilizarem o preservativo associado a outro método.

De maneira geral os resultados nos mostram (Figura 2) que 11% das mulheres deste estudo utilizam o preservativo como método contraceptivo, já 17 % das mesmas utilizam métodos contraceptivos hormonais associados ao preservativo e 72% utilizam outros métodos contraceptivos, evidenciando que estas mulheres utilizam métodos contraceptivos que são eficazes apenas na prevenção da gravidez, não prevenindo nem diminuindo o risco de desenvolvimento de

DSTs e apenas 29% das mulheres utilizam de forma correta os métodos contraceptivos com intuito de prevenir o desenvolvimento de possíveis DSTs.

Vários estudos, dentre eles o realizado por Figueiredo & Peña, (2000) citado por Doreto & Vieira, (2007), mostram uma maior preocupação das mulheres com a gravidez do que com o desenvolvimento de uma possível DST e demonstram a necessidade de associação direta entre gravidez e DST, pois entre os motivos relatados para não uso do preservativo está a falta de confiança contraceptiva. Assim se mostra necessário um acompanhamento médico-farmacêutico para que questões como estas possam ser esclarecidas a fim de aumentar a eficácia dos métodos não só para prevenção de uma gravidez indesejada, mas também no desenvolvimento de DSTs.

Conclusão

Através deste estudo pode-se concluir que a utilização de contraceptivos se dá em sua maioria com intuito de prevenir apenas a gravidez, não levando em consideração o risco de se contrair uma possível DST.

Pode-se concluir também que a assistência médica-farmacêutica se torna cada vez mais importante para que a utilização de métodos contraceptivos possa ocorrer de maneira adequada.

Referências

- [BEMFAM] Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil. Pesquisa nacional sobre demografia e saúde, 1996. Rio de Janeiro: BEMFAM/MACRO; 1997.
- DORETO, D. T., VIEIRA, E. M. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. vol.23, no.10, Oct. 2007.
- ESPEJO, X.; TSUNECHIRO, M. A.; OSIS, M. J. D.; DUARTE, G. A.; BAHAMONDESE, L.; SOUSA, M. H. Adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais entre mulheres de Campinas, São Paulo. **Revista Saúde Pública**. São Paulo-SP. 2003; 37 (5): 583-90.
- FIGUEIREDO, R, PEÑA, M. Contracepção de emergência: opção contraceptiva em tempos de DST/AIDS. São Paulo: Núcleo de Estudos para a Proteção da AIDS, Universidade de São Paulo; 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Teen: Dados, População Mundial. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/populacao/home.html>>. Acesso em: 20 out. 2009

PEDRO, J. M. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. **Revista Brasileira de História**, vol. 23 nº. 45, São Paulo, SP, 2003.

PINOTTI J. A, PETTA C. A, PASTENE L, FAÚNDES A. Avaliação da adequação de uso de anticoncepcionais orais pela população feminina do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira Ginecologia e Obstetrícia**. 1990; 1:110-6.

QUADROS, L. G. A. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Anticoncepção Hormonal. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.unifesp.br/dgineco/planfamiliar/anticoncepcao/hormonais_htm>. Acesso em: 20 set. 2009.

SILVA, L. M.. INFOESCOLA. Métodos Anticoncepcionais. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sexualidade/metodos-anticoncepcionais>>. Acesso em: 15 out. 2009.

SOUCASAUX, N. Anticoncepcionais Hormonais Oraís. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.nelsonginecologia.med.br/oralcontraceptives_port.htm>. Acesso em: 15 set. 2009.

TAQUETTE, S. R, VILHENA, M. M, PAULA, M. C. Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**. 2004; 20:282-90.